Aveiro, 12 de Janeiro de 1963 * Ano IX * N.º 429

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

A reivindicta de um antigo amigo

A I E II PARTES DESTE ESTUDO FORAM PUBLICADAS NOS NÚMEROS 423 E 425 DO Litoral

por EDUARDO CERQUEIRA

JOSÉ ESTÊVÃO e COSTA CABRAL

III

A sua terceira emigração por motivos políticos passou-a José Estêvão especialmente em Paris. Aí habitou com o conterrâneo e amigo dedicadíssimo que foi Mendes Leite na rua Laffite n.º 20, travou relações com figuras da política francesa, e amenizou com os prazeres que a grande cidade lhe proporcionava as saudades da família, dos amigos e da pátria, nesses quase dois anos de exílio.

Apenas, por meados de Maio de 1846, lhe chegou notícia de que a chamada revolução da Maria da Fonte havia derrubado os «cabrais», o tribuno apressou-se a regressar a Portugal. No fim do mês chegava a Lisboa e logo em 11 de Julho pronunciaria, a par de Sá da Bandeira, de Garrett, de Passos Manuel, de Joaquim António de Aguiar, do conde do Bonfim, de Rodrigues Sampaio, dos generais espanhóis Facundo Infante e Priarte, e outros eminentes vultos nacionais do liberalismo, num banquete oferecido aos emigrados da revolução de Torres Novas, no Teatro de D. Maria II, um dos catorze discursos proferidos — «um eloquente e brilhantíssimo improviso, interrompido pelos frenéticos aplausos do povo, que se prolongaram por muito tempo, depois de o orador ter acabado de falar».

Funda em Outubro, sob a presidência do barão de Vila Nova de Fozcoa, a Associação Eleitoral Setembrista, cujo programa redige de acordo com Rodrigues Sampaio, e que lhe daria a primazia na escolha dos candidatos a deputados, para uma eleição que já não viria a verificar-se, em consequência da demissão do governo presidido pelo duque de Palmela. Reacendem-se as lutas, desencadeia-se de novo a revolução. José Estêvão volta a pegar em armas, e, intrépido soldado de um ideal nunca esmorecido, assim em sedição se mantém durante meses, até que a convenção de Gramido põe termo à guerra civil.

Estivera afastado da sua cátedra de Economia Política na Escola Politécnica durante todo aquele estirado período. Abrangido pela amnistia, em 1847, foi reintegrado no quadro da sua escola em Junho desse ano. O governo de feição cabralista e os seus apaniguados não perdiam porém de vista o adversário intransigente e íntegro, apóstolo incansável e incómodo do espírito setembrista. Um dia escapa mesmo por pouco a um grupo de cabralistas, desvairados.

Enquanto ausente o intrépido caudilho liberal, o lente substituto, Dr. Luís de Almeida e Albuquerque regia a cadeira, suprindo a falta do seu proprietário. Assim sucedeu nesse ano, quando as adversas circunstâncias políticas forçavam José Estêvão a afastar-se da regência que lhe competia. Mas o governo maquinou uma maneira engenhosa de pôr a descoberto a ausência das aulas do fulgurante tribuno, afastando o seu substituto para Braga, na qualidade de Secretário Geral do Governo Civil. Luís de Almeida e Albuquerque recebera directamente — sem que do facto se desse conhecimento ao director da Escola Politécnica, como era curial — a cópia do decreto de nomeação, com uma ordem directa da rainha, prevenindo-o de que tinha de partir com a maior brevidade possível a ocupar aquele cargo.

Almeida e Albuquerque, que mais uma vez provou a sua nobreza de carácter, lealíssimo e alheio totalmente aos manejos que se tramavam para apanhar na teia ardilosamente urdida o famigerado orador liberal, antes de se decidir a ocupar a nova função, comunicou a ordem recebida ao director. Este imediatamente manifestou a sua estranheza, correcta mas dignamente, alegando que «a estabelecer-se o princípio de afastar os lentes dos seus serviços, não tardaria a Escola a entrar em franca desorganização». Responde-lhe — e, com mágoa minha embora, não deixo de lembrar que era um aveirense, cartista até à medula — o então ministro da Guerra, do qual dependia, ao tempo, a Escola Politécnica, o barão de Almofala, José António da Silva Leão. E aí, nesse ofício, se desvenda claramente o propósito da rede que se andava tecendo para envolver José Estêvão, pois Almofala «se apressava a lembrar ao Director da Escola, como solução do assunto, o facto de se encontrar na capital (!) o lente proprietário da cadeira, e, portanto, este ser obrigado a regê-la ou a resolver a sua situação.»

O expediente não viria a dar o resultado previsto, pois Almeida e Albuquerque apenas se manteve em Braga uns oito dias e «pôde assim continuar a substituir o proprietário da cadeira durante as suas perseguições e doenças.» — conforme escreve o Prof. Dr. Ressano Garcia, no seu trabalho «Escola Politécnica de Lisboa — A 10.ª Cadeira e os Seus Professores».

Na legislatura de 1848 a 1860, em consequência das disposições tomadas pelos governantes, que sempre o temeram, «porque era o único homem cuja voz tinha magia e encanto capazes de acordar o povo da sua habitual sonolência», como acentua Freitas e Oliveira, não conseguiu ser eleito deputado. Numa luta constante, nunca arrefecida, «o governo pagava por todo o preço a violação da urna em Aveiro, e teve infelizmente quem o servisse entre os conterrâneos de José Estêvão.»

Em meados de Junho de 1848, o governo mandou prender, acusados de conspira-

Continua na página 3

ARTE, ARTISTAS & PÚBLICO

ARTIGO DE MÁRIO DA ROCHA

Lisboa «cuspida» por Aveiro e Porto

Lisboa ou Porto, Portugal é sempre o mesmo. Um francês vertido em calão, continuaria ainda hoje a afirmar a perspicaz luneta queirosiana.

Mas consolemo-nos: o mal é epidémico, óleo esturrado em madeirame carcomido!

Quando penso num Van Gogh e nos seus quadros cuspidos pelos seus conterrâneos e em telas suas atiradas para o sotão pela mão de Zola; quando penso em Rembrandt morrendo insolvente; em Mozart definhado pela física dum trabalho esgotante; em Verdi interditado pelo Conservatório de Milão; em Paderewski que a crítica unânime alcunhava de assassino do piano; em Shubert que nunca se viu numa «colocação segura»; quando penso em tudo isto, como espantar-me com os «nossos» casos dum Pavia, por exemplo, dum Júlio Resende ou duma Helena Vieira da Silva?

Ai a sina de quem rasga caminhos em floresta virgem a esta Humanidade que Horácio dizia ser rebanho, mesmo sem lhe chamar de Panúrgio.

★

Eu só não me espantei logo porta-fora, porque me quis, naquela tarde em Lisboa, ter uns ares de «menino bem-educado»... Diga-se, claro, conquanto de passagem, que, socialmente falando, boa educação é saber-se maquilhar, nem que seja com traços simiescos! Desde que se seja símio entre os símios, tudo fica bem...

Nunca mais esquecerei aquela visita à Sociedade Nacional de Belas Artistas. Uns dias antes, havia eu visitado, na mesma Lisboa, uma exposição dum artista saxónico. Poucos trabalhos, mas que magníficos. Meia dúzia de obras (poucas mais seriam!) levaram-me horas a ver...

Mas na dita primeira exposição (tratava-se de «Artistas Novos de Portugal»), vi tudo em dez minutos! É que eram todas elas uma série de obras, feitas às centenas, feitinhas,

Continua na página 2

DIR-SE-IA que sobre as águas de Aveiro se estendem os braços do «Cristo» crucificado, em assomo de paternal amplexo às «Proas e Mastros» que demandam o pão para a boca — condição de vida em que as vidas se consomem e tantas vezes perecem. Trata-se de dois magníficos trabalhos em ferro que Mit expõe presentemente no Aveirense — e que o paginador do Litoral uniu e dispôs de maneira a obter um novo simbolismo, assim multiplicando o significado e a espiritualidade de duas obras, de si ricas de espiritualidade e significado, numa simplicidade de feitura que é segredo dos veros artistas

UM AVEIRENSE ILUSTRE

Última encontro com Manuel Lavrador

EVOCAÇÃO DE ALBERTO MOREIRA

No Porto, em 25 de Novembro, às 2.30 da tarde Manuel Lavrador apareceu-me no Café Guarani, justamente quando eu escrevia a última página do meu já anunciado trabalho: *Cesário Verde e a «Cidade Heróica»*, pelo qual ele mostrava especial interesse.

Bem disposto, fraternalmente amigo, sentou-se a meu lado — justamente à mesma mesa onde comigo havia passado toda a tarde de 1 de Novembro. Conversámos durante alguns minutos acerca dos problemas que afligem o Mundo convulsionado, lendo-me ele uma das crónicas que um abalizado crítico estava a publicar no *Diário de Lisboa* observando inteligentemente o intrincado problema cubano. Depois passámos a falar de Literatura, e logo surgiu o nome de Camilo — e a lembrança de o irmos visitar à Lapa. Logo decidimos concretizar o nosso desejo, e eram 3 horas da tarde quando, vagarosamente, começámos a subir a Avenida dos Aliados, parando a espaços para que ele me repetisse alguns factos que eu considerei interessantes. Assim, na parte nova que ladeia a Ordem da Trindade, estivemos parados alguns minutos, descrevendo-me ele uma visita que há perto de meio século havia feito a Jaime de Magalhães Lima, acompanhando um

Continua na página 7

Arte, Artistas & Público

Continuação da primeira página

Lisboa «cuspida» por Aveiro e Porto

muito bem feitinhas, tão bem feitinhas que, se não fossem tão grandes, eu ainda compraria algumas para enviar a crianças amigas como postaizinhos de Boas Festas do Natal.

Mas deixemo-nos de gracejos descabidos e sensaborões (eu não sei melhor, mas *eles* também mais não merecem...) e digamos o que há a dizer: — Se *isto* se pode fazer no que chamam a «alma mater» das artes portuguesas, então tudo pode ser feito... Quando o rei, de louco, anda em camisa pelas ruas, por que não sentar no trono um espírito sadio que para o corpo não tem mais que farrapos?

★

E em sequência e a propósito! Quando há dois dias visitava no Porto a Galeria Dominguez Alvarez (quem dirá o que está para além daquele portal carunchento?), eu, que em Lisboa ficara enjoado pela cabotinice de tantas obras onde (em algumas!) o melhor era a moldura, ali, naquela tarde chumbenta, fiquei indignado...

Entre *dois* Júlio Resende e *um* Vieira da Silva; entre *um* Almada Negreiros de 20 contos e *um* Sarah Affonso ou Marques de Oliveira de 13 mil escudos, lá estava *um* Manuel Ribeiro de Pavia também na casa dos mil... Pobre Pavia! Em vida, andou a vender suas obras como quem pede uns tostões para matar a fome, que afinal o não poupou. Pobre Van Gogh! Morrendo loucamente miserável, e uma «Ronda dos Prisioneiros» a valer agora milhões!... Pobres artistas, multiplicando a riqueza aos ricos!... E os ricos a cuspirem nessas mãos de Lázaros onde flameja o fulgor do Olimpo!

Também em Arte, se não se produz em quantidade, não se apura a qualidade!

Venhamos, pois, para a rua e deixemos passar os artistas que alguma Arte ficará.

★

Eu, confesso, era um dos que não acreditava... Admitia! E a hipótese provável de ontem é hoje, para mim que já vi, uma realidade promissora.

Há gente nova em Aveiro! Ainda pode haver monarquia de nomes, mas um revelador progresso instaurou valores que não nasceram para escadas de ninguém!... Nem subiram, se diga, com empurrões camuflados.

Helder Bandarra não terá dificuldade em «conquistar» o público. Sim, porque ele pintando — desenha! Mas repare-se como ele desenhando — pinta! Usa todas as cores nas variadas tonalidades, conseguindo um cromatismo duma diversidade harmónica ricamente, fortemente significativa. Com uma mancha de preto tanto nos dá um misterioso e grave rosto de Profeta como com um pedaço de amarelo nos oferece a face luminosa de dois seres que se recriam num abraço de amor. Bandarra conseguiu, finalmente, dominar uma dificuldade técnica: não se limitou às duas dimensões do desenho, mas conseguiu criar-nos as três dimensões, como se de escultura se tratasse.

★

Mas eis que não falta o **escândalo,** reverso da medalha! Eis **Mit!** Ei-lo: é Jaime Borges, que não vale a pena segredos em arte!

É que Mit nem desenha pintando nem pinta desenhando. Mit pinta! Mit só pinta! E neste só está tudo...

Pintura não é desenho! Porque são formas sensíveis da Arte especificamente distintas, pintura e desenho são artes que podem coexistir, mas não se equacionam. Pintura pode ter o desenho como sua *parte constituinte*, mas **nunca** como seu *elemento formal*.

Mas para aqueles que, por ignorância ou detracção, ousem dizer que Jaime Borges *só* pode pintar porque não sabe desenhar, que é *abstracto* porque nem figurativo consegue ser, eis que Mit apresenta o que jamais alguém em Aveiro apresentou: escultura em ferro.

Trabalhando a simples verguinha, nos seus dez primeiros trabalhos que agora fez e agora expõe, ele oferece-nos uma pluralidade de concepção e de feitura, que, francamente, não lobrigamos onde Mit possa chegar, tão longe pode ser.

Os novos «fizeram miséria» e houve zaragata no Aveirense

Falar de dois artistas que, diga-se em termos próprios desta era interplanetária, estão a entrar em órbitra, dá-me, a mim, liliputiano terráqueo, a consciência cada vez mais aguda de haver, entre o meu ser e o parecer dos outros, um carreto partido: eu a favor **de** artistas contra **a** Arte e o público, ou os artistas contra a Arte e o público contra mim? É que só pareço gostar do que os outros não gostam!... Mas se o Parnaso é para raros apenas, como queria o parnasiano dos «Oaristos», serei porventura — e por ventura! — eu um dos raros?

★

Antes do pior, o melhor! Permita-se-nos, desde já, que, pùblicamente, nos congratulemos com estes dois «novos» por eles terem inaugurado, como inauguraram, as suas exposições.

A meio da tarde, meia dúzia de amigos... dos artistas e da Arte! Nada de convites: nem autoridades nem imprensa; nem fraques nem recepções! De *fitas*, nada!

E ainda bem. Talvez o «furo» comercial tenha sido obstruído pela autenticidade artística. Mas se a Arte é um super-produto humano, jamais poderá conspurcar-se como um luxo burguês... Belo e universal são transcendentais que se equacionam no ser!

★

Mas prossigamos, concretizando.

Além de dois pastéis magníficos (n.º 20 «Moça de Azul», e n.º 19 «Paisagem da Ria»), H. Bandarra venceu na sua tela «Vasos» (n.º 11 do Catálogo), logo para cúmulo uma *natureza morta*, que foi o seu último trabalho para esta exposição, uma grave, uma gravíssima dificuldade. É que se as três dimensões do volume são, como realidade, as características constituintes e especificantes da arquitectura, elas devem ser também na pintura, como sensação, propriedades integrantes. Para isso tem de se saber não só harmonizar as tonalidades da cor — o que é mais do que evidente em H. Bandarra —, mas distribuí-las pelos centros de força, pela angulação de perspectivas, etc..

Em «Vasos», H. Bandarra *achou* uma bela composição e, sobretudo, conseguiu, finalmente, dar-nos uma pintura não empastelada criando planos, estabelecendo *profundidade* na tela.

★

Mit (Jaime Borges) é mais hermético a uma análise objectiva, porque mais significativo para uma subjectividade capaz! Multifacetado, complexo, o artista procura-se numa Arte menos igual.

O cromatismo, vivo em «Línguas de Sol» ou cavernoso em «Sol na Floresta»; a feliz habilidade de «Galóxia»; a leveza, transparência de «Vida na Água»; o expressionismo de «Prometeu Atómico», títere desengonçado, de personalidade partida, ou argonauta celeste alquebrado pelo peso do receio do fogo que seu génio roubou aos deuses; o figurativo impressionista de «Nocturno Oceânico», sua melhor *pintura*, cujo principal defeito (plenamente estamos de acordo com o juízo que alguém, por querer ou sem querer, emitiu com muita hombridade...) é «ser um óleo com vidro»...

Mit expôs um trabalho (n.º 6) que nós só admitimos esteja exposto porque houve o feliz acaso de o artista ser também crítico, sobrechamando-lhe «estudo». Poder-se-á gostar dele, porque fica bem num quarto de bebé; gostar-se-á dele porque é uma obra ingénua!

Que será, porém, a ingenuidade? Trabalho virgem? Mas o talento não está em não receber lições; está sim em conseguir aprender com os mestres. Um espírito virgem é, por natureza, um espírito de bruto!... Um homem sem herança, cultural ou artística, é um «primitivo histórico»... Até o artista que cria **o** novo, recria **do** velho!

Mas adiante!

A escultura em ferro de Mit não é apenas, entre nós, uma nova arte.

Mais do que novidade, mais do que esperançosa promessa, ela é já uma realidade de alto nível artístico. «Catedral Humana», «Cristo», «Proas e Mastros» e ainda, vá lá, «Palmeira» e «Peregrinos em Marcha» são obras que podiam galgar as carcomidas muralhas da urbe aveirense, sem deslustrarem o milenário nome de Aveiro.

Van Gogh preferia um mau rosto a uma bela paisagem e Amiel afirmava que toda a paisagem é um estado de alma.

Por isso, na escultura de Mit, obra e título se integram em transcendência poética.

A verguinha de ferro é trabalhada com tal dinamismo, que a obra feita, toda dinâmica, é cheia de força expressiva para ser apenas formalmente artística.

Em «Catedral Humana», por exemplo, o adjectivo não é acessório acidental, porque cada verga é uma linha de força que mais parece emaranhado de sentimentos que se

Continua na página 4

José Estêvão e Costa Cabral

Continuação da primeira página

ção, vários amigos políticos de José Estêvão, entre os quais Mendes Leite. O tribuno, que conheceu as agruras do exílio, mas «em tempo algum esteve preso; nunca conseguiram essa honra *os seus inimigos» — como atestava Marques Gomes, em Outubro de 1886, numa carta para o director do «Conimbricence» — conseguira escapar à acção policial, iludindo-a com sucessivas mudanças de residência.*

«José Estêvão — informa ainda o prof. Ressano Garcia — graças aos seus muitos amigos, conseguiu evitar esta prisão, escondendo-se no país. O governo, porém, procurou-o por toda a parte. |...| Novamente, ou, segundo constava, se homiziara em Espanha, ou os seus amigos conseguiram esconder tão bem o seu paradeiro em Portugal, que nunca os esbirros do Governo lhe conseguiram deitar a mão.

«Nesta emergência, o seu lugar de professor da Escola Politécnica tornou-se, outra vez, a ratoeira que o Governo lhe preparava para o liquidar, exigindo a sua presença nas aulas de Economia Política.»

Entretanto, sempre na mais correcta forma legal, sem que se soubesse por que vias e artes, sempre que do governo surgia implacável e teimosamente nova tentativa de pôr a claro a ausência de José Estêvão, apareciam, subscritos pelos médicos mais eminentes, os atestados que lhe justificavam as faltas.

Nessa pertinaz investida contra o egrégio aveirense «que, diga-se de passagem, foi sempre nobremente coberto pelos seus colegas da Escola Politécnica», o director sistemàticamente informava o Ministério que José Estêvão faltava em virtude de doença legalmente comprovada.

Longos meses passou nessa situação, e, só em 23 de Junho de 1849, se decidiu a revelar o seu paradeiro. Encontrava-se efectivamente doente — e a Junta Militar viria a confirmá-lo e a conceder-lhe sessenta dias de licença para se tratar com «ares pátrios», *isto é, em Aveiro. E, com a natural surpresa de quantos o souberam, acrescentava que naquela ocasião se encontrava, nada mais, nada menos, do que em Palma... na residência particular do rei D. Fernando! Nessa casa havia decerto imunidades que o próprio governo respeitaria.*

Foi por esses tempos que ele esteve também escondido em casa daquele dedicadíssimo padre António, que Bulhão Pato retrata com «pobre cabeça, óptimo coração, que tinha por José Estêvão o amor sem limites que o cão fiel devota ao dono que estremece.»

«— Se não fosse este padre — dizia ele um dia ao autor de «Sob os Ciprestes» — tinha rebentado quando estive escondido.»

Com esse padre António, que o ouvia extasiado, que o adorava como a um ídolo, José Estêvão, oprimido dias seguidos entre quatro paredes, ele, o apóstolo da Liberdade, que se queria liberto de todos os tolhimentos, fazia as suas furtivas sortidas nocturnas. Numa delas sucedeu o episódio de que passamos a dar o relato textual escrito por Bulhão Pato:

«Certa noite, umas embaidoras iscas de fígado iam sendo a perdição de José Estêvão.

Eram cerca das onze. Passavam por detrás de S. Domingos, em frente de uma taverna que já tinha a porta meio fechada. Saía de lá aquele aroma, que parece provir do segredo exclusivo dos Vateis de Compostela.

«— Padre, não lhes resisto — disse em voz baixa José Estêvão —, não lhes resisto: vai-me às iscas. Eu espero à esquina.

«O padre foi num raio. Quando voltava, com um pão aberto ao meio, as iscas no centro, em forma de sanduíche enorme, e uma garrafa de vinho na algibeira oposta à do breviário, José Estêvão agitou a cabeça num movimento de júbilo, e os óculos verdes, de que vinha armado, descavalgaram do nariz com o solavanco e foram ao chão. José Estêvão baixou-se para as levantar, e, no momento em que se erguia, um vulto que passava disse-lhe quase ao ouvido:

«— José Estêvão, cuidado! Olhe que pode ser visto por outro.

«José Estêvão estendeu o braço e apertou, em silêncio, a mão do homem. Tinha-o conhecido. Era um agente da polícia.

«Passados anos pagou-lhe a fineza. Uma fatalidade colocara em situação apertadíssima aquele homem. Precisavam-se duzentos e sessenta mil réis no prazo de vinte e quatro horas.

«José Estêvão, apesar de pobre, arranjou a soma. Soube-se do caso, porque o beneficiado não teve mão em si e disse-o a algumas pessoas, de entre as quais uma fui eu.»

Este polícia era, afinal, da raça honorabilíssima do administrador do concelho de Moncorvo, que lhe facilitara a fuga, e, como ele, não pôde substrair-se ao fascínio do orador arrebatador e insinuante que, como observava Ramalho, tinha como um título principal à estima afectuosa, à quase ternnra da posteridade, a circunstância tocante de ser sobretudo, acima de tudo, bom rapaz.

Esse bom rapaz, *que no dizer de Oliveira Martins foi sempre moço até à morte, era naturalmente simpático, aberto, generoso e nobre, estimado dos próprios adversários. Costa Cabral era antipático, odiento e odiado — a antipatia personificada, segundo o autor do Portugal Contemporâneo, «Vencia, mas não convertia», ao contrário do velho companheiro dos «Camilos», a quem, depois de renegar os ideais que os haviam unido, criaria um obstinado rancor, que convertia e vencia, que era popular sem premeditação, aliciante pela simples presença, desbordante de contagiosa afectividade.*

Por isso, porventura, os expedientes e as tentativas de reinvidicta de Costa Cabral contra José Estêvão se frustraram — não passando dos homízios a que o grande orador se viu coagido.

Eduardo Cerqueira

Junta Distrital de Aveiro

Aviso

De conformidade com a deliberação tomada na reunião ordinária de 10 do mês em curso, declara-se que está aberto concurso documental, pelo prazo de 10 dias, a contar do dia imediato ao da publicação do presente aviso, para provimento, por contrato, do lugar de encarregado do Asilo-Escola Distrital de Aveiro, com o ordenado mensal de 1150$00, casa, água, luz e alimentação.

As condições exigidas e demais esclarecimentos respeitantes ao provimento do referido cargo serão prestados na Secretaria desta Junta Distrital.

Aveiro, 10 de Janeiro de 1963

O Presidente da Junta,

a) — *António Rodrigues*

Junta Distrital de Aveiro

AVISO

Para os devidos efeitos se torna público que, de harmonia com a deliberação distrital de 10 do mês em curso, se encontra aberto concurso, pelo prazo de 30 dias, com início no dia seguinte ao da publicação do presente aviso no «Diário do Governo», para provimento do lugar de escriturário de 2.ª classe do quadro privativo da Secretaria, a que corresponde o vencimento mensal ilíquido de 1 500$00, cargo que se encontra vago pela promoção do respectivo titular a aspirante.

Os concorrentes deverão apresentar os seguintes documentos:

a) *Requerimento, escrito pelo próprio punho, dirigido ao Presidente da Junta Distrital, contendo todos os elementos de identificação, morada completa, (com o nome da rua, número de polícia e andar), número do bilhete de identidade, data e repartição que o emitiu, devendo a assinatura ser reconhecida por notário;*

b) *Certidão, de narrativa completa, do registo de nascimento;*

c) *Documento comprovativo do cumprimento dos deveres militares;*

d) *Declaração a que se refere o Decreto-Lei n.º 27 003, de 14 de Setembro de 1936, com reconhecimento notarial da assinatura;*

e) *Declaração a que se refere a Lei n.º 1901, de 21 de Maio de 1935, com assinatura sobre estampilha fiscal de 5$00 e reconhecimento notarial da assinatura por termo de autenticação;*

f) *Documento comprovativo de ter sido aprovado no exame do 2.º ciclo dos liceus ou equivalente.*

Se o concorrente for funcionário do Estado ou administrativo, fica dispensado da apresentação dos documentos a que se referem as alíneas b) e c), devendo substituí-los pelos seguintes:

g) *Certidão comprovativa da qualidade de funcionário do Estado ou administrativo;*

h) *Certidão comprovativa de quitação com a Fazenda Nacional ou autarquia que serve.*

Junta Distrital de Aveiro, 10 de Janeiro de 1963

O Presidente da Junta,

a) — *António Rodrigues*

Ordem dos Engenheiros

Secção Regional de Coimbra

Convocação

Nos termos do art.º 21.º do Estatuto da Ordem dos Engenheiros e ao abrigo do art.º 25.º do mesmo Estatuto, convoco a Assembleia Regional da Ordem dos Engenheiros, para reunir na Sede desta, à Rua do Brasil, n.º 38, em Coimbra, no dia 26 de Janeiro, a fim serem tratados os seguintes assuntos:

a) — Discussão e votação do relatório e contas do Conselho Regional de 1962;

b) — Apreciação do orçamento aprovado pelo Conselho Regional relativo a 1963.

Esta Assembleia realizar-se-á de acordo com o estabelecido no § 3.º do art.º 25.º às 15 horas, em primeira convocação, e às 16 horas, em segunda convocação.

Coimbra, 3 de Janeiro de 1963

O Presidente da Assembleia Regional,

a) — Júlio de Araújo Vieira

(Eng.º-Electrotécnico)

ARTE, ARTISTAS & PÚBLICO

Continuação da segunda página

cruzam em ogiva conflituosa ou se rasgam em opostos caminhos abatidos... E sobre aquela amálgama, terrivelmente bela, domina a sobriedade, fria mas serena, duma vulgar cruz.

O próprio «Cristo», já não dinâmico mas estático, formalmente bem acabado e bem acabado no seu cubismo geomètricamente perfeito, diz-nos mais, muito mais do que muitos *Cristos* que por aí andam, até em altares da igreja, bonitinhos de mais para serem o Cristo, «o homem das dores» de Isaías, no qual «poder não teve a morte».

Hoje, em que tanto se fala — e se ouve — do silêncio de Deus, importa, mais que nunca, *falar* de Cristo como falaram S. Paulo ou Pascal: Cristo, o morto-vivo, o agónico-imortal!...

Estático no seu conjunto formal, a angulosidade viva dum acentuado cubismo, «Cristo» será o «Deus mudo» de Régio ou de Pessoa, mas é também o homem sobre o qual não age, corroendo-o, a erosão dos séculos.

Este «Cristo» de Mit fala-nos como nos falam os Cristos de Dali ou Rouault, mas como jamais nos falavam esculturas de Cristo que já não são do nosso tempo.

Esta é, como outras aliás, uma obra que fala! Que mais então se pode exigir? Difícil entendê-la? Mas que júbilo que acabemos de olhá-la clamando interiormente como Arquimedes saindo do banho que podia afogá-lo: *eureka* — descobri!

Acrescente-se, como remate final, que Mit, como **expositor,** teve um grave defeito.

É que as exposições, demais sendo de amadores, não servem apenas — não devem servir! — para mostrar a arte, mas também para a expandir!... E Mit não foi... o Jaime Borges! Preocupou-se mais com arte do que com o comércio... A prova? Ele não expôs os trabalhos senão actuais, conquanto multifacetados, e não trouxe por isso a público os *trabalhinhos* que fez (e guarda em sua casa!...) em menino e moço!... Bendito defeito!

Mário da Rocha

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	MODERNA
Domingo . . .	A L A
2.ª feira . . .	M. CALADO
3.ª feira . . .	AVEIRENSE
4.ª feira . . .	S A Ú D E
5.ª feira . . .	OUDINOT
6.ª feira . . .	N E T O

Aveiro na Assembleia Nacional

Após o discurso de agradecimento e justo louvor ao senhor Presidente da República e outras altas individualidades, proferido, no mês transacto, na Assembleia Nacional, pelo Deputado sr. Dr. Artur Alves Moreira, a propósito da recente visita do Chefe do Estado à região aveirense,— discurso de que, nestas colunas, transcrevemos algumas importantes passagens — o sr. Dr. Paulo Cancela de Abreu, Deputado também pelo Círculo de Aveiro, referiu-se, na sessão de 9 do corrente, à prestigiosa figura do sr. D. Manuel de Almeida Trindade, novo Bispo da Diocese, congratutando-se pela apoteótica recepção que os aveirenses lhe dispensaram, a quando da recente entrada na cidade.

Justíssimos e oportunos os encómios proferidos pelos ilustres deputados.

Sòmente Aveiro espera agora, e ansiosamente, que a sua voz se faça onvir também, com igual eloquência, sobre o importante problema portuário, que, sendo de interesse marcadamente nacional, muito importa à região aveirense, já que, há pouco, o assunto foi levado à Assembleia Nacional na palavra entusiástica e bairrista de distintos deputados de outros círculos.

Pelos C. T. T.

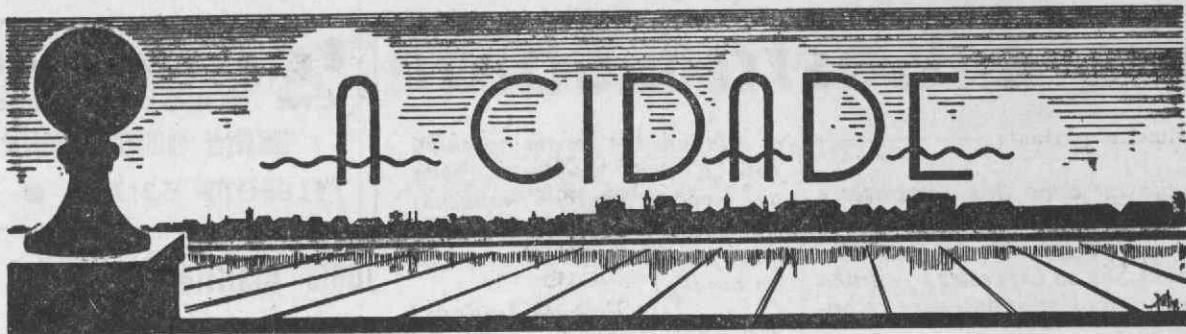
★ Para garantia duma maior eficiência nos serviços locais, a Administração Geral dos C. T. T. aumentou os quadros do seu pessoal em mais cinco lugares. Outros, ao que parece, vão igualmente ser criados.

Tende-se, assim, ainda que muito gradualmente, para uma melhoria de serviço, que se impõe numa cidade, como a nossa, em franco desenvolvimento económico e populacional.

★ A Lota de Aveiro, local muito frequentado, foi finalmente beneficiada com o serviço de distribuição de correspondências, o que muito aproveita a quem ali trabalha, não só comerciantes como tripulantes de embarcações.

Rotary Clube

Na segunda-feira, realizou-se a primeira reunião rotária do ano, que congregou bastantes convivas.

Presidiu o sr. António Guimarães, tendo-se registado a presença do rotário conimbricense sr. Dr. José Bernardino da Conceição.

Foi palestrante da noite o sr. Rudolfo Teles, que proficientemente dissertou sobre «Progresso e Felicidade», tendo feito o respectivo comentário o nosso distinto colaborador Eduardo Cerqueira.

Usaram também da palavra os srs. Carlos Alberto Machado, Eng.º Nóbrega Canelas e Franco Machado.

Praça do Marquês de Pombal

Conforme plano oportunamente elaborado, iniciaram-se há dias as obras de remodelação da Praça do Marquês de Pombal.

Os trabalhos foram adjudicados pela Câmara a um empreiteiro particular.

Tragédias na Ria

● Morreram dois homens à boca da Barra

Na última terça-feira, cerca das 8 horas, à boca da barra de Aveiro, e devido ao temporal, voltou-se uma bateira de pesca tripulada pelo arrais António Fonseca, casado, de 58 anos, e pelos pescadores Tomás Marquinhos, também casado, de 35 anos, e Alfredo Marquinhos Lino, de 28 anos, genro do primeiro.

A tripulação da traineira «Divor», que, na altura, saía para o mar, apercebendo-se do do naufrágio, comunicou, pela rádio, com outra traineira, a «Carolina Eugénia», para que esta entrasse em contacto com os serviços de salvamento, já que, ao que parece, nenhuma daquelas embarcações podia prestar socorros.

Entretanto, o Tomás Marquinhos desaparecera nas águas; o Alfredo conseguiu, a muito custo, alcançar um pontão da barra; e o António da Fonseca, recolhido, após abnegados esforços, foi levado para o posto médico da Base Aérea de S. Jacinto, onde, porém, viria a falecer poucos minutos depois.

O Tomás deixou na orfandade quatro filhos menores; e o António da Fonseca tinha três filhos, um deles doente há 10 anos num sanatório.

A' tragédia soma-se agora a miséria de famílias a quem a desventura levou os seus únicos amparos.

Trágica coincidência: a mulher do Tomás Marquinhos perdera o primeiro marido em idênticas circunstâncias no mesmo fatídico local, casando depois com o cunhado, a quem o Destino viria a dar o mesmo trágico fim.

● Ainda o drama da Ria na Murtosa

Com referência à tragédia ocorrida em 12 de Dezembro último, na Ria, frente à Murtosa, e em que pereceram 3 crianças, conforme largamente então noticiámos, recebeu o nosso Director, na altura, do apreciado colaborador do *Litoral* Gonçalo Nuno a seguinte comovedora carta:

«Pela Imprensa diária fiquei hoje absolutamente horrorizado e consternado com a tragédia ocorrida com o moliceiro da nossa Ria.

Não há palavras, nem dinheiro, nem lágrimas que possam aliviar a dor desses humildes e infelizes Pais; mas eu entendo que, se há momentos em que a solidariedade humana é fundamental, este, sem dúvida, é um caso a que certamente o seu simpático jornal e todos os nossos conterrâneos darão a sua atenção, o seu carinho e a sua humanidade.

Faça o que puder por esses infelizes, desperte a atenção para o Natal vazio desse casal, ajude-mo-los.

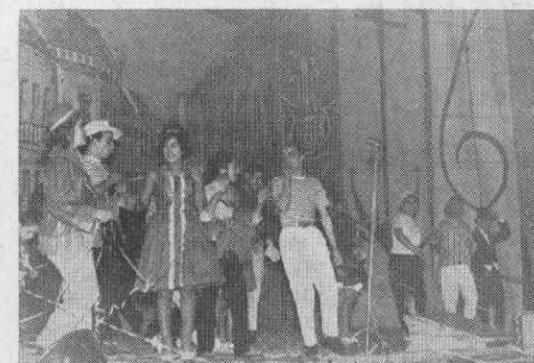
Incluo a importância de Esc. 100$00, que agradeço encaminhe como melhor entender para o efeito. Muito obrigado. /.../»

Aqui fica tão humanitário apelo. Não conseguiriam as nossas palavras dizer mais nem melhor do que disseram as do nosso ilustre colaborador.

O donativo fizemo-lo seguir ao seu destino.

N. da R. — Pedimos a Gonçalo Nuno o obséquio de nos enviar o seu actual endereço. pois temos urgência em escrever-lhe.

Vida Comercial

No último sábado, e após as obras de beneficiação indispensáveis, reabriu ao público, totalmente remodelada, a conceituada casa fotográfica de J. Ramos, ao n.º 108 da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho.

O nóvel arquitecto sr. Lúcio Estrela Santos pôs todos os seus méritos e cuidados no arranjo e nas decorações do estabelecimento, que se apresenta agora invulgarmente acolhedor e patenteia notável bom-gosto.

De parabéns, pois, os srs. Arquitecto Estrela Santos e o hábil fotógrafo José Ramos, este a revelar, pelos seus últimos trabalhos, o proveito que colheu da recente estadia em Leverkusen (Alemanha), onde, a convite da «Agfa», e como único bolseiro português, foi especializar-se em fotografia a cores naturais.

O Chefe do Distrito e o seu motorista foram vítimas dum acidente de viação

No último domingo, quando, ao fim da tarde, regressava de Vale de Cambra, onde presidira à inauguração do primeiro pronto-socorro dos Bombeiros Voluntários daquela vila e às comemorações do terceiro aniversário da mesma corporação, o Chefe do Distrito de Aveiro, sr. Dr. Manuel Lousada, e o seu motorista, sr. Augusto Marques da Silva Reis, foram vítimas de um acidente de viação em Ossela, freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis.

Na perigosa curva do Covo, e depois de ultrapassada uma viatura dos Voluntários de Azeméis, o automóvel do sr. Governador Civil guinou, conseguindo ainda o motorista desviá-lo dumas pedras, sem, contudo, poder evitar que o veículo chocasse contra um barranco.

O motorista bateu com o rosto de encontro ao pára-brisas, ferindo-se bastante; o sr. Dr. Manuel Lousada, que sofreu algumas escoriações, felizmente de pouca gravidade, apeou-se e fez sinal de paragem ao pronto-socorro dos Bombeiros, antes ultrapassado, que os conduziu ao Hospital da Misericórdia de Azeméis, onde as vítimas receberam os primeiros socorros.

Numa ambulância dos mesmos Bombeiros, os feridos vieram para Aveiro. O motorista ficou hospitalizado; mas o sr. Governador Civil seguiu, numa ambulância, para Lisboa, onde necessitava de estar naquele dia.

Aos sinistrados desejamos pronto e completo restabelecimento.

«Gostos não se discutem!...»

Em Ílhavo, no Atlântico Cine-Teatro, vai hoje à cena, pela terceira vez, uma engraçadíssima revista-fantasia-musical, apresentada pelo elenco cénico do nóvel Águias Futebol Clube da vizinha vila: «Gostos não se discutem!...»

O espectáculo, por certo, constituirá novo sucesso para os amadores ilhavenses (um grupo de moços e moças pletóricos de alegria e boas aptidões para os palcos), que reeditarão os êxitos obtidos nas anteriores representações da revista, em 28 e em 29 de Dezembro passado.

«Gostos não se discutem!...» é um original de António Julião, com músicas dos prof.s Guilhermino Ramalheira e Leonildo Rosa, em que colaboram o «Conjunto Os Três do Litoral» e «Duo Getty».

Ao que sabemos, é possível que a revista venha a representar-se brevemente fora de Ílhavo, designadamente em Aveiro, Estarreja, Bustos e Palhaça.

Dois animados e movimentados quadros da interessante revista-fantasia-musical «GOSTOS NÃO SE DISCUTEM!...»

Aveiro em Angola

Como oportunamente noticiámos, um grupo de senhoras de Aveiro ofereceu ao Governador do Distrito do Uíge, sr. Major Camilo Augusto Rebocho Vaz, uma Bandeira Nacional, destinada à Unidade, em missão de soberânia no Norte de Angola, que reunisse o maior número de soldados aveirenses.

A Bandeira foi entregue, na Damba, ao Pelotão de Morteiros 21, perante uma formatura de toda a Companhia e na presença de todos os oficiais e sargentos. O boletim *O Canhangulo*, no seu número relativo a Dezembro passado, refere-se desenvolvidamente à comovedora cerimónia.

O Comandante de Batalhão, depois de salientar o gesto, a todos os títulos simpático, das senhoras de Aveiro, esclareceu que o P. M. 21 era, naquela data, a única Unidade aveirense no Distrito do Uíge; «mas, ainda que assim não fosse, a folha de serviços deste pelotão dava-lhe jus a ser de considerar a sua preferência, pois nela estão inscritas, de forma indelével, operações como as das serras da Canda, Mucaba e Uíge, e diversas outras nas regiões da Lucunga, Lemboa, Quivoengo e Songo, nomes que estão na história do Batalhão, de Angola e da Nação.»

Acrescentou que a acção do P. M. 21 não se tem limitado a utilizar o fogo das suas potentes armas: «A sua maior actividade, desde Outubro do ano findo», consistiu em cooperar com «decidida vontade com os demais caçadores seus camaradas na pacificação das massas nativas, por uma acção psico-social intensa, que já conduziu, no seu conjunto, à apresentação de mais de 50 000 nativos regressados das matas e do Congo ex-Belga, número este todos os dias aumentado, mercê do trabalho obscuro, mas persistente e profícuo, dos militares de todo o Batalhão».

E prosseguiu: «São incontáveis também as suas acções de patrulhamento de itinerários, bem como a sua cooperação como simples caçadores na execução de golpes de mão e emboscadas sobre os elementos inimigos que por vezes tentam infiltrar-se na região a fim de aterrorizar as populações nativas apresentadas, procurando levá-las a abandonar as suas sanzalas — no que, aliás, mercê da activa protecção das tropas, os esforços inimigos não têm obtido qualqual êxito. Todas estas missões tem desempenhado o P. M. 21 com a consciência, energia e decoro de quem cumpre o seu dever».

Referindo-se ao facto de o Governador do Distrito do Uíge ter querido entregar pessoalmente a Bandeira ao P. M. 21, manifestou a gratidão do Comando por tão subida honra, que enchia os seus soldados de legítimo orgulho e de compreensível vaidade; e assegurou que, sejam quais forem as missões que tenham de enfrentar, os seus soldados, onde quer que se encontrem, hão-de içar e guardar religiosamente a Bandeira Nacional que lhes foi oferecida, «mostrando ao inimigo que, onde estiverem os aveirenses, está Portugal».

Informa *O Canhangulo*, que usou em seguida da palavra o Governador do Distrito do Uíge, para, num rápido improviso, elogiar a acção desenvolvida pelos soldados aveirenses e manifestar o seu contentamento por se lhe ter oferecido o ensejo de assistir a uma cerimónia de tão alto significado.

O sr. Major Rebocho Vaz sublinhou a circunstância de ali se encontrarem soldados do R. I. 10, de Aveiro, cidade a que se encontra ligado por laços de família e por algumas gratas recordações da sua vida militar, pois esteve também no R. I. 10, como oficial, logo que saiu da Escola Prática.

Lamentando que a Bandeira Nacional que lhe foi confiada não pudesse ser ali entregue pelas próprias senhoras aveirenses que gentilmente a ofereceram, acrescentou que não lhe seria fácil depositá-la em mãos de melhores soldados. E terminou formulando o voto de que estes, cumprida a sua missão, pudessem voltar a Aveiro com a Bandeira que lhes foi oferecida e tivessem a oportunidade de agradecer, pessoalmente, a gentileza das senhoras aveirenses.

O sr. Alferes Vieira, Comandante do P. M. 21, procedeu então, com as devidas honras, ao içar da Bandeira Nacional, concluindo-se assim a cerimónia, que deixou em todos as mais fundas impressões.

Chega-nos a notícia de que as lembranças enviadas para Carmona, por iniciativa de um dos nossos colaboradores, para a celebração do Natal dos nativos do Distrito do Uíge e dos nossos soldados que ali se encontram em missão de soberania, chegaram muito a tempo e em excelentes condições.

A distribuição das lembranças, orientada por um Alferes-miliciano aveirense e feita pelas senhoras da Cruz Vermelha Portuguesa, foi motivo de grandes alegrias para muitos corações e originou cenas verdadeiramente enternecedoras.

O Governador do Distrito do Uíge, sr. Major Camilo Augusto Rebocho Vaz, pede-nos que apresentemos a todos os que contribuiram, com as suas ofertas ou com os seus serviços, para a mais alegre celebração do Natal dos nossos soldados e das populações nativas, os protestos do seu melhor reconhecimento.

Agradecimento

A família da saudosa extinta Maria Irene Rodrigues da Graça e Melo, por este meio aqui expressa o seu mais profundo reconhecimento a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde, bem assim como a todas aquelas que a acompanharam à sua última morada e a quem, por falta de endereços, não foi possível fazê-lo de outra maneira.

Aveiro, 7 de Janeiro de 1963.

Cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje, 12 — A sr.ª D. Olga da Silva Conde Moreira Gonzalez; os srs. Eng.º Alberto Branco Lopes, Presidente da Comissão Municipal de Turismo, Tenente-coronel José Alves Moreira, Padre José Maria Carlos, João Rodrigues Marques Paulino, residente em Lourenço Marques; e o menino Luís Filipe Soares Nordeste, filho do sr. Manuel Ricardo da Cruz Nordeste.

Amanhã, 13 — As sr.as D. Maria Fernanda Pinto Madail Boia, esposa do sr. Carlos Lourenço Boia, D. Florinda da Maia Romão, esposa do sr. Porfírio da Maia Romão, e D. América da Costa Forte, esposa do sr. António Nunes Forte, residente em Lourenço Marques; e o sr. Manuel Simões Martins Júnior.

Em 14 — A sr.ª D. Maria do Amparo Gamelas Costa; e os srs. Capitão António José da Costa Campos e Jorge de Oliveira Lopes Biscaia.

Em 15 — A sr.ª D. Maria Leocádia Magalhães Lima Mascarenhas, viúva do saudoso Desembargador Dr. Evaristo Mascarenhas; e os srs. Manuel Maria da Maia e Belmiro Ribeiro.

Em 16 — As sr.as D. Maria José Sousa Vieira Torres Villas, esposa do sr. Rui Torres Villas, e D. Maria da Glória Figueiredo da Cruz Gadim, esposa do sr. João Carlos Gadim de Almeida; o sr. Manuel da Fonseca Marques; a menina Maria da Saudade Tavares de Sá Seixas, filha do sr. Raul de Sá Seixas; e o menino José Joaquim Graça Moreira, filho do sr. Tenente-coronel José Alves Moreira.

Em 17 — As sr.as D. Célia da Conceição Neto Gamelas, esposa do sr. Amilcar Henriques Gamelas, D. Rosa de Oliveira Gomes Estima Rino, esposa do sr. António Ferreira Estima Rino, e D. Crisanta Soares Rodrigues; os srs. Padre António Resende, Manuel Marques Liberal e António Brun de Sousa Dourado; as meninas Maria Preciosa Azevedo Alves Novo, filha do sr. Augusto Alves do Novo Júnior, e Maria Manuela de Oliveira Cardoso; e o menino José Maria, filho do sr. José Maria Martins Pereira.

Em 18 — A sr.ª D. Maria do Carmo Paula Santos, esposa do sr. Capitão Luís Paula Santos; e os srs. Fausto de Resende Ferreira, Fernado Fonseca de Almeida e Reinaldo Correia Rito.

DESPEDIDA

Ananias Jorge Valente, após as férias que gozou nesta cidade, e na impossibilidade de pessolmente se despedir de todos os seus amigos e conterrâneos, vem fazê-lo por este meio, oferecendo os seus préstimos em Gabela (Angola) para onde agora vai regressar.

Aveiro, 6 de Janeiro de 1963

PELO HOSPITAL

«Natal do Hospital»

● Encerrou-se, em 22 de Dezembro findo, o ciclo de realizações festivas integradas na Campanha do «Natal do Hospital», com a efectivação de uma sessão recreativa, no átrio do Jardim de Inverno daquele estabelecimento hospitalar.

Assistiram — além dos doentes que se puderam deslocar àquele recinto — os srs. Presidente da Câmara, representante do Bispado de Aveiro, mesários e membros da Direcção Clínica do Hospital e outros médicos.

A festa incluiu exibições do «Rancho da Casa do Povo de Esgueira» e dos conjuntos musicais «Ritmo Ibérico», «Três menos Um» e «Os Três do Litoral», além da representação da peça «Na Casa de Nazaré», de autoria da sr.ª Dr.ª D. Ondina Gomes Leite Gomelas, por um grupo de alunos da Escola Técnica.

Cumprimentos de Fim de Ano

O pessoal que presta serviço no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, ao terminar o ano de 1962, em singela, mas bem significativa cerimónia, apresentou cumprimentos à Mesa Administrativa, numa sessão realizada em 29 daquele mês, após uma reunião conjunta dos mesários, no salão nobre da Santa Casa.

Usaram da palavra o Rev.º Padre António Augusto de Oliveira, Capelão do Hospital, que se referiu aos intuitos dos promotores daquela cerimónia; o mesário sr. Severim Marques e o Secretário-Provedor sr. Eng.º Manuel Simões Pontes — ambos para agradecerem e retribuirem os cumprimentos do pessoal do Santa Casa e para relevarem a sua prestimosa acção na vida do Hospital de Aveiro.

Movimento de Doentes

Nos últimos dias estiveram internados na Casa de Saúde do Hospital: D. Adriana Dias Cabral Almeida, de Sever do Vouga; D. Maria Fernanda Moreira dos Santos Lopes, de Eirol; D. Maria Belmira da Rocha, da Gafanha da Vagueira; e D. Maria de Lourdes da Graça, da Gafanha da Encarnação.

Festejos a S. Gonçalinho

Iniciaram-se hoje os tradicionais festejos em honra de S. Gonçalinho, com alvorada de morteiros, tendo os gaiteiros percorrido o popular bairro da Vera-Cruz.

Amanhã, depois de nova descarga de foguetes, será celebrada missa solene, pelas 11 horas, na típica capelinha, acompanhada a grande instrumental pela «capela» da Banda Amizade; às 15 horas, início dum concerto por esta Banda; às 16, sermão e ladainha acompanhada a orquestra, segue-se o usual lançamento das «cavacas»; às 21, arraial, com audição das bandas Amizade e de Salreu; às 23 e 24 horas, sessões de fogo de artifício.

Na segunda-feira: às 15 horas, cavalhadas com exibição de um «terno» da Banda Amizade e novo lançamento de «cavacas»; ao fim da tarde, «entrega dos ramos» aos futuros mordomos.

Associação Aveirense de Socorros Mútuos das Classes Laboriosas

CORPOS GERENTES ELEITOS PARA O ANO 1963

Assembleia Geral — *Presidente,* Agnelo Casimiro Ferreira da Silva; *Vice-presidente,* José Maria Rodrigues; *1.º Secretário,* João Andrade de Carvalho; *2.º Secretário,* Inácio Augusto Lopes de Brito.

Conselho Fiscal — *Presidente,* Severiano Ferreira Neves; *Secretário,* Ulisses Rodrigues Pereira; *Vogal,* Baldomero Rodrigues Coelho. **(Substitutos)** — *Presidente,* Alberto de Oliveira Carvalho; *Secretário,* João Luís dos Santos Vaz; *Vogal,* Manuel Simões Lemos.

Direcção — *Presidente,* João Macedo da Cunha; *Tesoureiro,* Manuel da Graça Moreira Duarte; *Secretário,* Artur Casimiro da Silva Naia; *Vogais,* Augusto Correia Charneira; Eurico Tavares Correia; João de Pinho Nascimento; Luís de Melo Alvim Júnior. **(Substitutos)** — *Presidente,* Fernando Silva; *Tesoureiro,* Gonçalo Pinto, *Secretário,* João Gonçalves dos Santos; *Vogais,* Acácio dos Santos Pires; Amadeu Augusto Duarte; Jaime de Almeida Marques; Manuel Ferreira Martins.

AGRADECIMENTO

João da Silva Martins

Sua esposa, filhas, genros e restante família, vêm por este meio agradecer, muito penhorados e reconhecidos, a todas as pessoas que assistiram ao funeral e que, por qualquer maneira, se dignaram testemunhar-lhes o seu profundo pesar, com palavras de conforto pelo desaparecimento do seu saudoso extinto.

Aradas, 4 de Janeiro de 1963

Secretaria Notarial de Aveiro

Primeiro Cartório

Licenciado — Joaquim Tavares da Silveira — Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de trinta e um de Dezembro de mil novecentos e sessenta e dois, lavrada de folhas quarenta e duas, verso, a folhas quarenta e cinco, do livro próprio número trezentos e noventa e quatro-A, das notas deste cartório, foi reforçado, o capital da sociedade anónima denominada *Estaleiros S. Jacinto. — S. A. R. L.*, com sede em S. Jacinto, concelho de Aveiro, com cinco mil contos, divididos em cinco mil acções do valor de mil escudos cada uma, — importância essa do reforço que foi inteiramente subscrita e realizada, em dinheiro; e ficando assim agora o capital da sociedade a ser de dez mil contos é certidão narrativa, que vai conforme ao original na parte transcrita a que me reporto e na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, Secretaria Notarial, oito de Janeiro de mil novecentos e sessenta e três.

O Ajudante da Secretaria
Celestino de Almeida Ferreira Pires

Continuações da última página

FUTEBOL

Beira-Mar - Sanjoanense

embora, nalguns lances, a bola rondasse perigosamente as redes de Ramiro, tudo fazendo crer que o *score* iria sofrer alteração...

●

No segundo tempo, foi mais discreto o futebol exibido. As duas equipas, como que conformadas com o desfecho do primeiro tempo, e sentindo — de forma inquestionável — o dispêndio de energias feito até o intervalo, actuaram em ritmo menos veloz, com menor vivacidade, com mais reduzido empenho e com menos clareza.

O jogo, consequentemente, perdeu interesse, e arrastou-se em toada monótona, que, não obstante, poderia ter rendido aos beiramarenses pelo menos mais dois golos...

Na verdade, a turma de Aveiro foi ainda e sempre mais acutilante e positiva — apesar de não contar com o decidido e firme apoio de Amândio, como até ao intervalo. É que o esclarecido médio-ala pode bem considerar-se como o «barómetro» da equipa aveirense...

●

No onze local, a defesa cumpriu: Pais teve pouco trabalho; Valente foi o mais discreto e Moreira esteve em plano superior a Liberal — ambos muito bem. No sector intermediário, Jurado foi útil, mas Amândio brilhou a grande altura, com primorosa actuação na metade inicial. Na frente, a asa direita perdeu no confronto com a asa esquerda — até porque os componentes da última se creditaram de autores dos golos da equipa, e foram, na verdade, os elementos que demonstraram mais engodo pela baliza. No quinteto dianteiro, Teixeira mostrou-se muito combativo e procurou muito jogo, tendo sido, com Correia, dos mais destacados futebolistas beiramarenses.

Na Sanjoanense, o brasileiro Ivan, apesar de pesado e pouco rodado, sobressaiu no meio da juventude que campeia na turma, recheada de ex-juniores. O veterano e experiente espanhol Ramiro não evidenciou a sua normal classe, que torna o conhecido *keeper* um dos esteios da turma. Nos restantes, evidenciaram-se Grilo, Gaspar e Oliveira.

●

A arbitragem situou-se em bom nível. Trabalho atento, cuidado e imparcial, o do conhecido juiz internacional conimbricense, que, de resto, não encontrou quaisquer dificuldades da parte dos jogadores, pela correcção evidenciada por todos eles.

Provas Distritais

I DIVISÃO

Resultados do Dia:

Recreio - Cesarense	3-0
Vista-Alegre - Anadia	1-3
Lusitânia - Cucujães	6-2
P. de Brandão - Lamas	1-1
Estarreja - Bustelo	2-2
Ovarense - Arrifanense	1-0
Alba - Esmoriz	3-0

Tabela de classificação

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Lamas	18	13	4	1	44-16	48
Lusitânia	18	10	7	1	44-18	45
Ovarense	18	10	3	5	53-27	41
Recreio	18	9	3	6	29-19	39
Arrifanense	18	9	2	7	42-32	38
Anadia	18	7	3	8	36-32	35
Alba	18	8	1	9	36-35	35
P. Brandão	18	7	2	9	31-27	34
Esmoriz	18	7	2	9	26 32	34
Cucujães	18	6	2	10	29-34	32
Cesarense	18	4	6	8	25-35	32
Estarreja	18	3	8	7	21-38	32
Bustelo	18	5	4	9	22-44	32
V. Alegre	18	3	3	12	15-64	27

Jogos para amanhã:

Esmoriz - Recreio (0-1)
Cesarense - Vista-Alegre (2-2)
Anadia - Lusitânia (1-5)
Cucujães - P. de Brandão (1-2)
Lamas - Estarreja (2 0)
Bustelo - Ovarense (0-9)
Arrifanense - Alba (1-5)

RESERVAS

Resultados do Dia:

Recreio - Espinho	0-3
Lusitânia - Cucujães	4-5
Ovarense - Beira-Mar	2-3
Feirense - Lamas	11-0

Ovarense, 2 — Beira-Mar, 3

Jogo no Parque Marques da Silva, sob arbitragem do sr. José Manuel Correia.

Ovarense — Capela; Valente, Santos e Fonseca; Soares e Fernandes; Praça, Lamarão, Santos, Jesus e Matos.

Beira-Mar — Sidónio; Gandarinho, Carlos Alberto e Nunes; Virgílio Vale e Albino; Gamelas (Virgílio Feio), Romeu, Calisto, Clélio e Ramiro.

Ao intervalo, os vareiros ganhavam por 2 0. em golos de LAMARÃO e MATOS.

Depois do descanso, os beiramarenses operaram um *volte-face*, e, com golos de CLÉLIO e GANDARINHO (2), conseguiram chegar ao triunfo.

Tabelas de classificação:

Série A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Feirense	7	6	—	1	30-9	19
Sanjoanense	6	5	—	1	21-4	16
Cucujães	7	2	1	4	10-24	12
Lusitânia	8	1	1	6	9-17	11
Lamas	6	2	—	4	12-18	10

Série B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Espinho	8	7	1	—	28-4	23
Beira-Mar	8	4	1	3	12-9	17
Oliveirense	7	4	1	2	19-10	16
Valonguense	8	3	2	3	14-22	16
Ovarense	10	1	2	7	9-34	14
Recreio *	9	2	1	6	10-13	13

* Tem uma falta de comparência

Jogos para amanhã:

Lamas - Sanjoanense
Oliveirense - Espinho

JUNIORES

Resultados do Dia:

Anadia - Recreio	adiado
Ovarense - Estarreja	1-1
Beira-Mar - Alba	4-0
Feirense - Lamas	3-1
Oliveirense - Arrifanense	7-1

Beira-Mar, 4 — Alba, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Francisco Costa.

Beira-Mar — Gonçalves; Óscar, Jacinto e Guilherme; Arménio e Martinho; Barreto, Carlos Alberto, Corte Real, João Domingos e Christo.

Alba — Nunes; Fausto, Vidal e Américo; Matos e Carrapo; Ascenção, Serafim, Alfredo, Castro e Quintas.

Actuando num autêntico charco, e, por vezes, sob chuva muito forte, qualquer dos grupos ficou cerceado nas suas possibilidades, e os futebolistas não puderam proporcionar o excelente espectáculo que se advinhava pelo que ficou expresso nas precárias condições em que se exibiram.

Assim mesmo, e na primeira vintena de minutos, principalmente, os jovens beiramarenses efectuaram uma primorosa exibição — que, sem dúvida, muitas equipas categorizadas não se importariam de rubricar!

Ao intervalo, o Beira-Mar ganhava já por 3-0, em golos de JOÃO DOMINGOS, aos 6 e aos 35 m., e de CHRISTO, aos 8 m.; CORTE-REAL, aos 71 m., fixou a marca final em 4-0 — *score* lisonjeiro para a animosa e aguerrida turma albergariense, cujo *keeper* foi a figura máxima do encontro pelo muito acerto com que sempre actuou, evitando que os números aumentassem.

Arbitragem muito bem conduzida e imparcial.

Tabelas de classificação:

Série A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Beira-Mar	11	9	1	1	61-10	30
Recreio	11	7	—	4	44-23	25
Anadia	10	6	1	3	35-20	23
Ovarense	11	5	2	4	18-20	23
Alba	11	4	1	6	21-26	20
Estarreja	11	2	2	7	17-34	17
Esmoriz *	11	1	1	9	4-67	13

* Tem uma falta de comparência

Série B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	10	7	1	2	33-11	25
Sanjoanense	9	6	2	1	25-7	23
Feirense	9	4	1	4	13-14	18
Lamas	10	3	1	6	14-21	17
Espinho	9	3	1	5	8-14	16
Arrifanense	9	2	—	7	11-37	13

Jogos para amanhã:

Estarreja - Anadia (0-6)
Beiro-Mar - Ovarense (2-2)
Esmoriz - Alba (0-4)
Sanjoanense - Feirense (1-0)
Espinho - Arrifanense (0-3)

Basquetebol

conducente a levar à desmarcação do homem que há-de obter a concretização da cesta.

Mas poder-se-á fazer uma outra objecção: — nem todos os jogadores possuem técnica suficiente no caminhar para o cesto, e não raro os árbitros assinalam violação?!

É uma verdade, e só com treino aturado se consegue que o jogador perca o *receio* da tábua e caminhe decididamente para o cesto, sem cair nos *famigerados passos*, que amiúde os juízes da partida assinalam, muito bem, na maioria dos lances, frize-se, em abono dos homens do apito.

Há, é evidente, um tecnicismo primitivo na grande maioria dos nossos basquetebolistas, mas o facto não invalida o que acima dizemos.

O que não há dúvida é de que o contra-ataque é uma arma poderosa, como de resto ficou bem demonstrado no último Aveiro-Porto, a que tivemos a felicidade de assistir, coincidindo com os últimos momentos da nossa estadia na bela região do litoral aveirense, onde deixamos sepultados os melhores anos da nossa vida, e aonde daremos, sempre que a oportunidade se nos depare, um salto, para matar as saudades que tanto nos atormentam já.

Entretanto, no próximo número, procuraremos, mais de pormenor, divagar sobre as vantagens e inconvenientes do contra-ataque, por nos parecer problema de grande importância para o basquetebol regional.

Joaquim Duarte

PESCA

Pelo Dr. Franscisco Barbado: 1 robalo com 7 kg.; diversos, entre 3 a 4 kg.; 1 corvina com 17 kg., e 2 com 5 kg. cada.

Por Manuel Ribeiro Fernandes: 2 robalos com 6,200 kg., e 10 com 5,600 kg. cada.

Por Fernando Corte-Real; 1 corvina com 8 kg..

Por Adriano José dos Reis: 1 corvina com 15 kg. e 1 robalo com 3,5 kg..

Pelo Engenheiro Albano Alberto Brito de Almeida: 1 robalo com 4,5 kg. e 1 com 3,5 kg.; 1 sargo com 4 kg., outro com 3,850, e outro com 3,5 kg..

Por Silvino do Vale: 1 robalo com 4,5 kg.; diversos entre 2 e 3 kg..

Por Manuel Marques Couto: 1 robalo com 4 kg.; diversos com 2 kg..

Pelo Major António Tavares: 1 corvina com 11 kg..

Por Duarte Nuno Campos Rocha: 1 robalo com 4 kg..

Por Augusto Pinho Varela: 1 robalo com 6,200 kg., e outro com 5.700 kg.: diversos entre 2 e 3 kg., e 1 tainha com 2,200 kg..

Por Carlos Alberto Pinho Varela: 1 robalo com 6,300 kg.; diversos entre 3 a 4 kg..

Por Américo Fernandes dos Santos: diversos, entre 2 e 3 kg..

Por Saul Costa de Oliveira: 2 robalos com 3 kg..

Augusto Varela

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 18 DO TOTOBOLA

de 20 de Janeiro de 1963

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Porto — Leixões	1		
2	Feirense — Atlético			2
3	Guimarães — Setúbal	1		
4	Belenen — Académico	1		
5	Salgueiros — Oliveir.	1		
6	Varzim — Covilhã	1		
7	C. Branco — Marinh	1		
8	Sanjoanense — Boavista	1		
9	Silves — Montijo		x	
10	Farense — Lusitano V.R.	1		
11	Peniche — Alhandra		x	
12	Luso — Seixa	1		
13	Portal se — Sacaven	1		

UM AVEIRENSE ILUSTRE

Continuação da primeira página

condiscípulo e amigo que desejava entrevistar o «Tolstoi» aveirense. A' distância de trinta dias, ainda vejo nìtidamente a fisionomia de Manuel Lavrador, e estou a ouvi-lo: «—...Chegámos a casa de Jaime de Magalhães Lima, logo de manhã cedo; estava a padeira á porta, e só então reparámos na inconveniência da nossa matutina visita. Mesmo assim, com a nossa coragem de rapaz, perguntámos à criada se o sr. doutor ainda estava a descansar, pois que ainda era muito cedo... E a jovial rapariga, que já me conhecia de anteriores visitas, prontamente respondeu: — já se levantou há muito; anda na quinta a tratar das árvores... se quiserem vão ter com ele... — Fomos, e encontrámo-lo no cimo duma escada a podar uma fruteira. Mostrámos-lhe o nosso assombro de o vermos tão cedo entregue ao labor manual, em contacto com a Natureza, quando pensávamos que ele estivesse ainda no leito — ou, quando muito, no gabinete de trabalho; e ele respondeu-nos:

« — Levanto-me cedo e venho tratar das minhas amigas (as árvores), e só depois de almoço sou para os amigos e para o trabalho intelectual.»

Dando meia dúzia de passos, Manuel Lavrador prosseguiu a narrativa: «O filósofo desceu até nós e começou a apostolar as suas ideias, num ritmo crescente de eloquência e assombro; mas o meu companheiro, que admirava fanàticamente Sebastião de Magalhães Lima, irmão do «Tolstoi» lusitano, audaz propagador de ideias menos emotivas, mas mais românticas e aliciantes, teve a indelicada coragem de lhe dizer: «Senhor doutor, confesso que me encantam as suas palavras de ternura e religiosidade; mas eu muito gostaria de ouvir V. Ex.ª fazer esta apaixonada prelecção ao seu irmão!...».

E Jaime de Magalhães Lima, esboçando um sorriso revelador de saudade, esclareceu-nos: — «Respeito as ideias de meu irmão, e ele respeita as minhas crenças. Ele vem passar comigo uma semana e eu gostaria que ele se demorasse um mês, pois sinto uma grande amargura quando ele se vai embora; e, se sou eu que o vou visitar e estou com ele dois dias, também a minha partida é para ele um enorme desgosto!... Falamos de tudo quanto seja elevado e nobre, humano e espiritualmente progressivo; mas nem eu lhe censuro as ideias que ele sinceramente julga necessárias para a perfectibilidade humana, nem ele melindra as minhas crenças racionalmente cristãs».

Perguntei a Manuel Lavrador se haviam chegado a fazer registo na Imprensa desse encontro com o «Tolstoi» aveirense, e ele respondeu-me negativamente, dizendo-me ainda que, quando estudante, tivera muitas palestras com Jaime de Magalhães Lima.

Chegámos à Lapa quando já passava das 3.30 — dessa memorável tarde de 25 de Novembro. Entrámos no cemitério e fomos em direcção ao túmulo de Camilo — que ali, aos olhos dos indiferentes à Literatura, simplesmente figura como qualquer dos muitos titulares que ele ridicularizara...: VISCONDE DE CORREIA BOTELHO. Manuel Lavrador lamentou que o gigante estivesse a dormir o último sono no acanhado gavetão do jazigo duma família estranha; e eu deplorei que, em vez da coroa de visconde que encima o epitáfio, não estivesse uma lira juncada de goivos...

Ali nos conservámos alguns minutos, no desejo de descobrirmos algo da presença da carcassa do gigante naquele cemitério onde não se encontrava nenhum ente familiar. Manuel Lavrador quebrou o silêncio, dizendo-me: — «Há mistérios que jamais se desvendarão... Camilo, se antecipadamente não tivesse manifestado a sua firme vontade de vir para a Lapa, teria ido para os Jerónimos. Mas quem sabe se o autor de *Doze casamentos felizes*, quiçá responsável pelo inditoso casamento de Fanny Owen com José Augusto Pinto de Magalhães, e sem poder olvidar esse drama pungentíssimo, legara o seu cadáver a Freitas Fortuna, impulsionado pelo mórbido desejo de dormir o perpétuo sono a poucos passos da virginal esposa do morgado de Lodeiro — no jazigo n.º 10, na mesma artéria cemiterial!?...»

Depois, acompanhados pelo guarda do cemitério, estivemos alguns minutos junto do jazigo n.º 10, actualmente abandonado — e onde, outrora, as românticas costureiras do século passado levavam viçosas flores e comovidas orações. Nesse jazigo estiveram os despojos da virginal Fanny Owen (menos o coração, que ficara na Casa do Lodeiro, e que, segundo me afirmou Manuel Lavrador, tornara conhecida a tràgicamente lendária propriedade por «Casa do coração»). Manuel Lavrador já em tempos se havia ocupado do desaparecimento das cinzas da desventurada Fanny — mas fora constrangido a sustar o seu apaixonado trabalho tendente a desvendar o impenetrável mistério... Desejava ele que eu, agora, guiado pela intuição, procurasse elementos que fizessem alguma luz sobre esse *caso* tão discutido e sempre tão ensombrado. Eu, por anteriores visitas, já conhecedor da abandonada jazida da Fanny, e de tudo que é *conhecido* acerca da malograda amorosa, disse ao querido amigo que não adiantaria nada, pois surgir-me-iam as mesmas dificuldades com que o conselheiro António Cabral esbarrara há meio século, quando tentara saber algo da desventurada amorosa, ali no cemitério da Lapa.

Em seguida, e por lembrança minha, fomos ao túmulo do nostálgico Soares de Passos, e seguimos para a jazida do heróico sertanejo Silva Porto. Depois, descemos, voltámos a parar em frente ao jazigo do «Torturado de Seide», e fomos visitar o túmulo onde se encontram as cinzas de Marcelino de Matos, grande causídico que salvou da forca o famigerado José do Telhado e das grades da Relação o genial Camilo.

Ali próximo, estão duas capelas modernas, uma das quais com uma legenda que muito impressionou Manuel Lavrador — legenda que se resume nisto: ...? NINGUÉM. Disse-lhe que era do falecido médico Dr. José Figueirinhas; e informeio-o de que a outra, ao lado e no mesmo estilo, fora mandada contruir pelo antigo editor António Figueirinhas, que ali descansa com sua última esposa, D. Maria do Carmo Figueirinhas, — um dos mais belos corações que me foi dado conhecer e o mais fulgurante espírito de Mulher que tive a ventura de encontrar na trajectória da minha acidentada vida! .. Tudo isto — toda a minha saudade e veneração, olhando a urna que conserva o que havia de material nessa puríssima Mulher, — contei a Manuel Lavrador. Dali saímos quando verificámos que se aproximava a hora de fechar o portão.

A' saída daquele sagrado recinto, Manuel Lavrador confessou: — «Custa-me assistir a funerais e custa-me entrar nos cemitérios. Só, não vinha cá, pode crer.»

Caminhámos para a baixa, sempre conversando; Manuel Lavrador falou-me de algumas obras que adquirira num importante leilão que estava a efectuar-se em Lisboa — e de um livro que ia ser leiloado e ele o mandara adquirir por todo o preço, pois era raro e dizia respeito a Aveiro.

Eram 5.30 quando chegámos ao Café Central; abancámos a uma mesa e, daí a minutos, veio juntar-se o velho amigo Luís de Figueiredo, que eu já conhecia desde há tempos, quando noutro café passei algumas horas com Manuel Lavrador. O meu saudoso amigo logo disse a Luís de Figueiredo da nossa visita ao areópago da Lapa, e, os três, falámos do drama da Fanny e da vida do «Torturado de Seide», relatando-nos Manuel Lavrador um episódio cruelmente realista passado com Camilo e Ana Plácido — episódio que lhe fora revelado há muitos anos por um criado do genial Romancista. Em dada altura, e quando eu rabiscava uns apontamentos da nossa visita à Lapa, surgiu um cavalheiro a cumprimentar Manuel Lavrador; não reparei na sua fisionomia, e o meu saudoso amigo interrompeu-me, perguntando-me se eu conhecia o citado cavalheiro, que se afastava. Respondi que não, e ele disse-me: — «Este é o Álvaro Machado, que foi chefe da Redacção do *Jornal de Notícias*; está aposentado; quando ele cá voltar, e você cá esteja, quero apresentá-lo.»

Notei que Manuel Lavrador ficara penalizado por não me ter apresentado ao jubilado Jornalista: — como eu um ano antes o havia apresentado ao hoje também jubilado Artista Silva Gajo, uma das mais típicas figuras da intelectualidade portuense, hoje refugiado na sua pitoresca tebaida de Pedra Furada.

Despedi-me de Manuel Lavrador às 6.15 da tarde — e foi a última vez que apertei a sua mão francamente amiga e sinceramente fraternal, pois sete dias depois já ele estava no cemitério de Aveiro!... Lá irei visitar, na próxima Primavera, o querido amigo, que tantas vezes me quis levar à terra de José Estêvão; — e a quem devo muitos horas de agradabilíssimo convívio, e ainda a fraterna estima de João Sarabando e a consideração amiga do Dr. António Cristo.

Dezembro de 1962

Alberto Moreira

A propósito do orçamento da Junta Distrital de Aveiro

Ex.mo Senhor Director
do «Litoral»:

O último número do semanário que V. Ex.ª proficientemente dirige publica o orçamento da Junta Distrital de Aveiro para 1963.

Segundo ele, a Junta propõe-se efectuar, durante o ano corrente, duas obras novas: a «construção do edifício-sede para instalação de todos os serviços inerentes à Junta Distrital», para o que destina 2 500 000$00, e a «construção de um novo Asilo-Escola Distrital, com a capacidade para 100 rapazes e 100 meninas», para o que destina 500 000$00.

A não haver troca de verbas, os propósitos da Junta chocam-me profundamente.

Construir *um palácio* para a instalação dos serviços da Junta e *uma choupana* para a instalação do Asilo-Escola Distrital, afigura-se-me, salvo o devido respeito, um contrasenso. Gastar naquele palácio 2 500 000$00 e destinar a esta choupana apenas 500 000$00, parece-me, salvo melhor opinião, uma injustiça de bradar aos céus.

Sem dúvida, a dignidade e a eficiência dos serviços da Junta Distrital reclamam instalações apropriadas. Creio, todavia, que para os ilustres membros da Junta, *uma vez por outra*, se reunirem confortàvelmente, conferenciarem sobre os problemas da sua competência e procurarem para eles as melhores soluções, e para os seus técnicos e funcionários, *durante as horas de trabalho*, darem conta do expediente e o deixarem bem ordenado e arrumado, bastará um edifício sóbrio, com os compartimentos necessários ao fim a que se destina.

O Asilo-Escola, porém, propõe-se albergar *permanentemente*, de dia e de noite, 200 rapazes e raparigas, além do pessoal de direcção e de vigilância. Exige, claro está, muitas dependências amplas e confortáveis: dormitórios, cozinhas, refeitórios, sanitários, enfermarias, rouparias, escolas, oficinas, secretarias, etc.

Como destinar então ao edifício-sede da Junta 2 500 000$00 e ao Asilo-Escola 500 000$00, quando o contrário é que seria lógico?

Não compreendo que se distraiam para *obras sumptuárias* os dinheiros que deveriam ser escrupulosamente reservados *a obras de assistência e educação.*

Enquanto não houver um Asilo-Escola digno, suficientemente amplo e convenientemente apetrechado, suponho não ser lícito, nem humano, nem cristão pensar em construir um edifício espaventoso para sede da Junta Distrital.

Se estou em erro, muito estimaria ser esclarecido.

Seja como for, espero dever a V. Ex.ª a gentileza de, através do «Litoral», submeter o que acabo de expor à douta consideração de quem de direito.

Aceite V. Ex.ª, Senhor Director, os cumprimentos respeitosos e os agradecimentos antecipados de quem se honra com ser

De V. Ex.ª
mt.º att.º e obgd.º

Aveiro, 6-1-1963

Assinante n.º 1-165

ATLETISMO

Norteados pelo intuito de fazer renascer em Aveiro o gosto pelas salutares provas de atletismo, os seccionistas da modalidade no Clube dos Galitos, sob proficiente orientação do Prof. Sousa Santos, vão promover brevemente, no Estádio de Mário Duarte, um Torneio Popular, em que podem competir todos os jovens que nele queiram participar.

Haverá corridas de 60, 800 e 2800 metros, salto em altura, e lançamento do peso e do disco — tudo provas de inscrição livre, que será facultada aos interessados até o início do torneio, cuja data oportunamente será fixada e aqui daremos a conhecer.

Estão em disputa medalhas, a atribuir aos três primeiros de cada uma das provas que venham a realizar-se.

XADREZ DE NOTÍCIAS

Hoje, pelas 21.30 horas, efectua-se a cerimónia da posse dos corpos gerentes da Associação de Futebol de Aveiro eleitos para o triénio de 1962-1965.

Na terceira jornada jornada do Campeonato Distrital de Juniores, em basquetebol, apuraram-se estes resultados:

Sangalhos, 37 — Recreio, 9
Esgueira, 12 — Amoníaco, 32

Amanhã, jogam, em Estarreja:

Amoníaco — Galitos

Hoje, pelas, 18 horas, na sede da Associação de Futebol de Aveiro, efectua-se o sorteio dos jogos da poule *final do Campeonato Distrital de Juniores, para que já se qualificaram os grupos do Beira-Mar, da Oliveirense e da Sanjoanense.*

A outra equipa sairá do par Anadia-A'gueda.

O Campeonato Distrital da I Divisão, em basquetebol, retomou o seu curso, agora com a falta do Atlético de Cucujães, que desistiu da prova.

Apuraram-se os seguintes resultados:

Sábado — *(jogo-repetição) — Amoníaco, 23 — Galitos, 17.*

Terça-feira *(10.ª jornada) — Illiabum, 19 — Sangalhos, 69; Galitos, 27 — Amoníaco, 34; e Recreio, 6 — Esgueira, 25.*

Hoje, amanhã e terça-feia, a competição prossegue, com os jogos Amoníaco — Sanjoanense (45-44), Galitos — Recreio (45-28), Esgueira — Illiabum (22-23), Illiabum — Galitos (33-43), Sanjoanense — Sangalhos (28-41) e Recreio — Amoníaco (17-33).

A Associação de Futebol de Aveiro intenta promover a disputa do primeiro Campeonato Distrital de Principiantes, prova de apuramento para a «Taça Nacional de Principiantes».

Para o efeito, foi fixado até hoje o prazo de inscrição dos clubes aveirenses naquele torneio, reservado a jovens de 13 e 14 anos.

PESCA

SEMPRE temos afirmado, e mais uma vez o confirmamos, que os pesqueiros da Ria e Barra de Aveiro, são, pelas suas condições naturais e técnicas, os melhores do País.

Vejamos. De fácil acesso, podem-se praticar neles as modalidades de boia, fundo e amostra. Transporte devidamente assegurado para os pesqueiros do Norte e Triângulo. Pensões no Forte e Barsa a preços muito acessíveis. Ligação rodoviária e marítima entre Aveiro e Barra. Não é, pois, de admirar que, de ano para ano, aumente o movimento de pescadores desportivos e que Aveiro turìsticamente vá tomando o lugar a que tem absoluto direito.

Conhecemos a maioria dos pesqueiros de Peniche, Foz do Arelho, Serra do Bouro, S. Pedro de Muel, Figueira da Foz, Aguda, Madalena, Cabo do Mundo, Póvoa e Viana, constatando que muitos deles estão devidamente sinalizados com indicação do nome, direcção e altitude, para se evitarem desastres, visto tornar-se perigoso o desconhecimento das condições do pesqueiro para a prática da modalidade.

Nos pesqueiros de Aveiro não existe qualquer perigo; ùnicamente se deve tomar um pouco de cuidado, se nos deslocarmos nalguns blocos do quebra-mar, pois eles encontram-se cobertos de limo e podem provocar quedas.

Não será, pois, para estranhar que os nossos pesqueiros, durante a época que se inicia em Abril e vai até fins de Setembro, tenham um movimento invulgar que maior ainda será devido à magnífica Pousada no Muransel que no mês de Dezembro oficialmente foi inaugurada.

Temos lido, por vezes, casos dignos de registo quanto à captura de bons exemplares.

Julgamos que Aveiro, neste ponto, leva a supremacia, pois podemos afirmar, sem temermos qualquer desmentido, que se devem ter capturado durante a época finda de 1962, para cima de 2 000 robalos à amostra, com pesos variáveis de 1 a 2 kg., além de alguns exemplares dignos de registo, como os que passamos a mencionar:

Por Ferreira da Silva: 1 robalo, com 8 kg.; diversos, com 3 kg. cada; e 1 tainha com 2 kg..

Continua na página 6

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Resultados do Dia:

Jogo	Resultado
Oliveirense — Leça	3-1
Espinho — Académico	2-1
Salgueiros — Covilhã	1-2
Vianense — Marinhense	2-2
Varzim — Braga	4-4
Castelo Branco — Boavista	2-0
Beira-Mar — Sanjoanense	3-0

Tabela de Classificação

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Varzim	10	7	2	1	27-11	16
Beira-Mar	10	6	4	—	15-5	16
Oliveirense	10	6	2	2	19-9	14
Covilhã	9	5	3	1	18-4	13
Braga	10	6	1	3	27-22	13
Espinho	9	3	4	2	14-14	10
Marinhense	10	3	3	4	13-15	9
Vianense	10	3	3	4	17-19	9
Leça	10	4	1	5	13-16	9
C. Branco	10	3	2	5	11-11	8
Boavista	10	3	1	6	7-17	7
Académico	10	1	4	5	10-17	6
Sanjoanense	10	2	2	6	10-27	6
Salgueiros	10	1	—	9	11-25	2

Jogos para Amanhã:

Oliveirense — Espinho
Académico — Salgueiros
Covilhã — Vianense
Marinhense — Varzim
Braga — Castelo Branco
Boavista — Beira-Mar
Leça — Sanjoanense

Breve Comentário

Conquanto tenha sido o único vencedor extra-muros, o Covilhã não foi a vedeta da jornada. Aliás, o resultado obtido pelos serranos foi contestado pelos salgueiristas — anunciando-se que os seus dirigentes protestaram o jogo...

O «herói do dia» — passe a expressão — foi o Sporting de Braga, mercê do seu empate, por números pouco vulgares, no terreno do leader, forçando os poveiros a um desaire de certo modo inesperado. Os varzinistas estiveram à beira de precalço maior, dado que chegaram a ter a desvantagem de 1-4 (!) — mas, em alarde de força e de querer, lograram evitar a derrota, já que os bracarenses não acautelaram devidamente a vitória que tiveram à sua mercê...

Deste modo, o Beira-Mar — que conseguiu o melhor score da ronda — igualou o Varzim no comando da tabela de pontuação, circunstância que, sem dúvida, vem acrescentar novos motivos de interesse à prova.

Nas outras partidas, a maior (e única...) surpresa verificou-se em Viana, onde o Marinhense conseguiu um precioso empate.

De resto, houve perfeita normalidade em todos os desfechos. Venceram, com maior ou menor dificuldade, os grupos geralmente apontados como favoritos.

Beira-Mar, 3 — Sanjoanense, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Álvaro Rodrigues, de Coimbra, coadjuvado pelos srs. António Teixeira e António Lopes da Rosa.

As equipas apresentaram:

BEIRA-MAR — Pais; Valente, Liberal e Moreira; Amândio e Jurado; Cardoso, Brandão, Teixeira, Chaves e Correia.

SANJOANENSE — Ramiro; Carlos, Gaspar e Oliveira; Ivan e Faria; Gonçalves, Moreira, Lima, Vasco e Grilo.

•

1-0, aos 2 m., em golo de CORREIA. O extremo esquerdo local correu pelo seu sector, internando-se, e deu a bola a Teixeira que lha devolveu de pronto. Aguardava-se que «Lebruna» efectuasse um centro, quando o discutido futebolista se decidiu pelo remate directo à baliza de Ramiro. Lançando-se sem grande convicção, o *keeper* espanhol não conseguiu captar o esférico, que entrou nas redes rente ao poste, roçando o terreno.

2-0, aos 8 m., em golo CORREIA. A jogada foi deveras brilhante. Lançado pela direita, em lance em que intervieram Amândio e Brandão, Cardoso tirou um magnífico centro, em insistência, junto já da linha final. Acorrendo ao centro do terreno, e pulando com muito apropósito, o número 11 de Aveiro, com excelente golpe de cabeça, bateu inapelàvelmente Ramiro, encoberto por alguns companheiros e adversários.

3-0, aos 43 m., em golo de CHAVES. Num jeito bem característico, e depois de ter descaído para a ala direita, o argentino sprintou muito bem, para recolher um excelente lançamento de Teixeira, que foi autêntico e esclarecido *pivot* da jogada. Isolando-se, o número 10 do Beira-Mar enviou a bola para as redes desertas, no momento exacto em que Ramiro abandonara os postes, a tentar encurtar o ângulo de remate.

•

Jogou-se sob chuva, durante largos lapsos de tempo, e, ao longo dos noventa minutos, sempre sobre um verdadeiro lamaçal. Tais circunstâncias, como bem se compreende, criaram redobradas dificuldades aos futebolistas de ambas as turmas, forçando-os a maiores esforços e a maiores cautelas.

A água, caindo em garroas de certa intensidade, por vezes, tornou, efectivamente, muito pouco favorável o piso do rectângulo.

Assim mesmo, porém, a primeira metade do *match* decorreu com pleno agrado, sobretudo pelo excelente *association* — de bola a correr ao primeiro passe — praticado pelos beiramarenses, impulsionados e superiormente orientados pelo seu médio-volante Amândio, que mandou, com plena autoridade, na zona central, assegurando uma perfeita, rápida e eficiente ligação entre a defesa e o ataque.

Convirá referir, no entanto, que a Sanjoanense valorizou extraordinàriamente o desafio, ao perfilhar uma toada de jogo franco, que libertou a equipa das vulgarizadas e antipáticas tácticas meramente defensivas. Deste jeito, e embora sem quaisquer resultados práticos (uma vez mais, e mesmo distante do seu normal rendimento, a defesa dos auri-negros chegou e sobrou para as encomendas...), a Sanjoanense tentou frequentes ataques ao último reduto da turma de Aveiro.

•

Mesmo contra o vento, o Beira-Mar entrou de rompante e, ainda na primeira dezena de minutos, conseguiu marcar por duas vezes. Ganhando tranquilidade e confiança quase absolutas, a turma entrou num período de franco domínio, e dessa sua ascendência territorial e técnica veio a resultar um novo golo, este obtido quase ao expiar dos primeiros 45 minutos.

Justos e certos, os 3-0 com que as turmas recolheram às cabinas,

Continua na página 6

Caminhos do Basquetebol

por JOAQUIM DUARTE

A importância do contra-ataque vem, pode dizer-se, desde os primórdios do basquetebol. Não custa a conceber que assim seja, pela simplicidade com que a jogada se rodeia, sabendo-se que o caminho mais curto para o cesto é o passe comprido, se possível dum extremo ao outro do campo. Não é exagero o que escrevemos, e se a jogada não é utilizada, ou não *sai*, o mérito pertence, a mor das vezes, ao adversário que a isso se opõe. É claro que a jogada típica do contra-ataque, com o seu quê de improviso, *nasce*, mediante o primeiro passe do homem da tabela, da rapidez da colocação da bola em jogo na linha lateral ou de fundo, duma intercepção de passe, ou, ainda, após a marcação dum lance livre. Sucede, por vezes, numa disputa de bola ao ar, uma equipa converter um lance com dois simples passes; mas isto não é, pròpriamente, um contra-ataque, visto a bola ter saído da mão dum dos árbitros, e, por consequência, não ter vindo dum ataque anulado ao adversário. De qualquer modo, porém, a equipa que tenha possibilidades de actuar dentro deste sistema terá tudo a lucrar.

Perguntar-se-à então: — Por que motivo, sendo isto tão simples, como se deixa antever, os responsáveis das equipas não insistem neste pormenor?!

Claro que insistem, diremos nós, sempre que possuam jogadores para o poder fazer. Está bem de ver que o contra-ataque, em si, só é possível desde que se ganhe a bola na tabela, o que implica desde logo homens altos para o efeito. Sem esta vantagem, da maior importância, uma equipa sentirá dificuldades, e, então, terá que resolver, como única solução, os seus problemas no ataque organizado e esquematizado,

Continua na página 6

DESPORTOS

Secção dirigida por

António Leopoldo

AVEIRO, 12-1-1963

ANO IX — NÚMERO 429